

Marcella Trambaioli / Elisa Borsari (eds.)

con la colaboración de Susana Phelits Ramos

Ensayos sobre vino y literatura, historia, identidad, patrimonio II

El vino / mueve la primavera...



PETER LANG

Información bibliográfica publicada por la Deutsche Nationalbibliothek La
 Deutsche Nationalbibliothek recoge esta publicación en la Deutsche
 Nationalbibliothek; los datos bibliográficos detallados están disponibles
 en Internet en <http://dnb.d-nb.de>.

Catalogación en publicación de la Biblioteca del Congreso
 Para este libro ha sido solicitado un registro en el catálogo CIP
 de la Biblioteca del Congreso.

Este trabajo ha sido publicado con la contribución de la
 Università del Piemonte Orientale, Dipartimento di Studi Umanistici.



UNIVERSITÀ DEL PIEMONTE ORIENTALE

Ilustración de la portada: © Marcella Trambaoli

ISBN 978-3-631-88624-3 (Print)
 E-ISBN 978-3-631-88625-0 (E-PDF)
 E-ISBN 978-3-631-88626-7 (EPUB)
 DOI 10.3726/b20022

© Peter Lang GmbH

Internationaler Verlag der Wissenschaften
 Berlin 2023

Todos los derechos reservados.

Peter Lang - Berlin · Bruxelles · Lausanne · New York · Oxford

Esta publicación no puede ser reproducida, ni en todo ni en parte,
 ni registrada en o transmitida por un sistema de recuperación
 de información, en ninguna forma ni por ningún medio, sea mecánico,
 fotográfico, electrónico, magnético, electroóptico, por fotocopia,
 o cualquier otro, sin el permiso previo por escrito de la editorial.

Esta publicación ha sido revisada por pares.

www.peterlang.com

Índice

El vino/mueve la primavera	9
El vino en la literatura y en las artes escénicas	
<i>Marta del Val Gago Saldaña</i>	
Del simposio griego al convivio romano: ritual y poesía	19
<i>Andrea Zinato</i>	
'E el romanz es leído /, datnos del vino: épica ebricidad	33
<i>Elisa Nunes Esteves</i>	
O vinho e as vinhas nas <i>Cantigas de Santa Maria</i> de Alfonso X	51
<i>Carlos Alvar/Guillermo Alvar Nuño</i>	
El mayor peligro: el vino	57
<i>Andrea Baldissera</i>	
Vino y literatura ejemplar	77
<i>Patrizia Botta</i>	
Las mujeres y el vino en textos españoles de los siglos XV y XVI	97
<i>Delia Gavella García</i>	
Algunas "catas" de las comedias lopescas: simbología y función del vino	113
<i>Carla Pomarè</i>	
"A huge bombard of sack": Falstaff e la cultura del vino nel teatro di Shakespeare	141
<i>Teresa Megale</i>	
<i>In vino theatrum</i> sulle scene di età moderna: persistenze del dionisiaco nella drammaturgia e nello spettacolo	157
<i>Anna Tedesco</i>	
Il vino nell'opera tra convivio ed ebbrezza	173

Elisa Nunes Esteves¹

O vinho e as vinhas nas *Cantigas de Santa María* de Alfonso X

No sobrevivirán los versos de los poetas que beben agua

Jorge Edwards

Inspirados pela epígrafe, entremos no mundo dos poetas medievais que se exprimam em galego-português, uma escola poética cujo conhecimento hoje devemos em grande parte ao interesse de diversos investigadores e filólogos italianos. Lembremos Angelo Colocci que no séc. XVI empreendeu o trabalho de recolha de textos e cópias dos Cancioneiros da *Vaticana* e *Colocci-Branconi* (hoje conhecido como *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*) e os investigadores modernos, entre os quais se destacam os nomes de Silyvio Pellegrini, Luciana Stegagno Picchio, Anna Ferrari, Ettore Finazzi-Agrò, Giuseppe Tavani, Giulia Lanciani, Patrizia Botta. Dentro da tradição lírica galego-portuguesa elegemos um poeta, o rei castelhano Alfonso X e como *corpus* principal as *Cantigas de Santa María*, para nelas destacar e comentar a presença do tópico do vinho.

No verso de Edwards associa-se implicitamente a poesia, a inspiração poética e a imortalidade ao vinho, já que a água nos remete para este seu oposto ausente. Revisitando os versos do muito antigo e inspirado rei-poeta castelhano, Alfonso X, encontramos uma associação do vinho à inspiração artística, mas neste caso uma má inspiração. Trata-se de uma violenta sátira literária, com um destino-tário explícito, Pero da Ponte, trovador galego literariamente ativo entre 1236-1252. Com este, que foi um dos poetas mais originais e mais fecundos do seu tempo, manteve o rei Sábido uma polémica duradoura, ora acusando-o de roubo de cantigas a outros, ora, como aqui, acusando-o, aparentemente, de ignorar as melhores regras da poesia dos provençais e até de compor blasfémias. E sublinho *aparentemente* porque justamente na leitura de Silyvio Pellegrini², diferente da de outros filólogos portugueses, como Costa Pimpão, p. ex., se trata de um jocoso “exercício literário” ligado ao ambiente da corte e às rivalidades entre trovadores. No final lá está o vinho, o grande culpado, ou melhor, o seu consumo excessivo:

¹ Universidade de Évora e Centro de Estudos em Letras. Correo: ene@uevora.pt.

² Pellegrini 1960 (Citado em Lanciani/Tavani 1998: 34–35). Vicent Beltrán veio mais tarde, num artigo de 1986 na *Revista Românica*, corroborar a interpretação de Pellegrini.